

Alcides

Villaça

Sem tradução

eu disse ao poeta árabe Adonis
eu pedi ao velho e grande poeta árabe Adonis
(eu que nada sei do árabe)
“pode me dizer um poema seu
em árabe?”

ele me olhou por um momento
e começou a dizer
em árabe
um poema seu
na música da poesia

a música
vinha tão do fundo do poeta árabe
vinha tão do fundo de sua língua árabe
que eu a ouvi perfeitamente:
era a mesma de quando morávamos todos
naquela grande caverna
e nos reconheci nessa música
como se jamais nos houvésemos dispersado
em nossas caminhadas

Quadrilha de três bem-amados (rascunho)

JOÃO – Sem ser severino aprendi a morrer nascendo em nome da pedra que me fala, da cabra que me escarpa. Faca de ponta escreve na rocha, não passo na areia. Convoquei abelhas, seu balé exato, vício picante. Ferro.

MANUEL - Danço de moço um tango com a vida. A melancolia assine os momentos bons de poesia: rosa no galho, pombas no beco, meninos na rua, aviões levando o soprinho tísico, lições de partir. Manu.

CARLOS - Pedra não contorno: gasto passo a passo o chão de Minas com um olho nos céus. Medito, sim, o boi que me olha: nos ruminamos para aprender o alto calar dentro do pronunciamento. Mar de morros e itabiras de ferro.

JOÃO – Por onde passasse eu tinha que ter um nome que na verdade eu não tinha. Lacei o nome alheio que me batiza, toureiro que cerca, admir que guia, ferreiro que ferra duro e outras sinas válidas do reino da pedra.

MANUEL – Educativa a vida, meu bem. Vivo o cartaz de rua, teu pequeno tropeço, teu sorriso. Apanho tudo num papelucho que cresce no meu bolso até mostrar sua pétala mais alta e te dizer: bom dia, pra depois silenciar.

CARLOS - Meus coringas marcham comigo sete vezes por semana e não param de rodar. Cimento a rosa, mas ela se abre para dentro e perfura o chão com seu áporo. Meu espelho, meu enigma. Se puder, não saberei.

JOÃO: Contar histórias bem que conto, quer ver? Era uma vez a vez de ser uma neta e uma avó, límpidas como cachaça, e uma culpa. Outra? Era uma vez um rio que via e falava. Outra? Era uma vez a hora de eu não ser, de apenas narrar o ser/severo.

MANUEL - Ouço de longe um pregão de feira: são olhos de uma criança, redondos, que me pedem um verso. Faço e vou lhe dar mas o menino se foi num balão para que só ficasse a vontade do verso, a verdade do menino, eu parado e menino.

CARLOS – Quando escuto Manuel sei que perdi uma outra vida. É dele o ouro difícil do mais perto. Se eu voltasse pela minha estrada

pegaria Manuel pelo braço só para ouvir seu respiro, seu inspiro, seu suspiro elegante, seu destemor.

JOÃO: Quando Manuel respira sinto o tanto do pouco que sobra, e aí me confunde. Nessa sua porta só entra ele, sua família, seu mundo. Às vezes penso que meu avesso é um manuel do outro lado do rio, mas não juro.

MANUEL – Me deparo com Carlos só quando ele não está. Bato em sua porta e ele surge sem abrir. Tem altas mágicas, e eu queria só a luz das luas sem os demônios noturnos, só. Mas ele escala a noite, teimoso como uma palmeira.

JOÃO – Já havia Manuel, já havia Carlos, mas não havia João: então armei esse manequim e lhe dei o pulmão automático, ventríloquo e sábio. Dei-lhe um ritmo que não havia nas danças; suprimi a música; ficou o corpo, curvado em si.

CARLOS – Quando escuto João minha outra metade se perde: a casca fala pelo dentro e não preciso de chave. João sabe o que quer, quer o que eu não quero. Queria o que João sabe melhor sem usar, e que eu uso melhor por não saber.

MANUEL – Me deparo com João e me arrepio: são outros capiberibes, de águas quadradas. Só meus olhos são secos: meu olhar é úmido, por vezes poça pequena, sem lágrima. Eu e João às vezes nos imitamos muito aquém do além.

JOÃO – Ainda que eu viesse a morrer deixaria rotas para que não me seguissem sem se extraviarem. Meu esquadro aprendeu o segredo da lebre, que só está de onde partiu quando o tiro é exato como aprendi a dar.

CARLOS – Ainda que eu viesse a morrer, só me confirmaria num amém a Minas. Meu fantasma abraçaria o anjo e se diluiriam ambos no horizonte violeta, enquanto meu melhor risinho ecoasse na catedral mais alta do vilarejo.

MANUEL – Ainda que eu viesse a morrer, a maçã mais viva repousaria sobre a mesa, chamando pelo hóspede, cadê o moço que estava aqui. A cortina da janela do quinto andar se abriria toda por um segundo: só o que eu visse era o mundo.

Suicida cabralino

Vai-se um suicida a seu juízo.
É própria sua avenida.
Apaga da memória a vida,
vale a manhã tarde tardia.

Nunca olhei algum nos olhos
logo antes da partida.
Nunca perguntei aonde ia
a quem houvesse decidido.

Se algum me promettesse um dia
me mandar de suicida uma notícia,
eu lhe diria que me dissesse
o que há além de tal honraria.

Conforme fosse, também iria
atrás de festa só minha.
Só pra dizer: “A mim não chamam.
A mim me leva minha companhia.”

ALCIDES VILLAÇA é professor sênior na área de Literatura Brasileira da FFLCH/USP, na qual ingressou como docente em 1973 e se aposentou como Titular em 2022. Fez mestrado e doutorado sob a orientação do Prof. Alfredo Bosi. Dedicou-se sobretudo a estudar poetas brasileiros modernos e a ficção de Machado de Assis. Tem colaborado como crítico em vários periódicos. É autor dos livros de poesia *O tempo e outros remorsos* (Ática, 1975), *Viagem de trem* (Duas Cidades, 1988), *O invisível* (Editora 34, 2011), *Ondas curtas* (Cosac Naify, 2014) e do estudo crítico *Passos de Drummond* (Cosac Naify, 2006).